

ANÁLISE DO DESEMPENHO SETORIAL DAS REGIÕES BRASILEIRAS (1990-2000)*

Jandir Ferrera de Lima**

Carlos Alberto Piacenti***

Moacir Piffer****

Lucir Reinaldo Alves*****

RESUMO: O objetivo do presente trabalho é fazer uma análise da dinâmica setorial das regiões brasileiras no período de 1990 a 2000. Para isto, faz-se necessário conhecer a estrutura produtiva da região, determinar os seus potenciais econômicos, a sustentabilidade ambiental da sua capacidade produtiva, as condições de infra-estrutura e os setores passíveis de receberem novos investimentos. Por conseguinte, utilizou-se o método de análise regional por meio das medidas de especialização e localização. Estas medidas permitem conhecer os padrões de crescimento econômico das regiões geográficas brasileiras, que compõem o País, detectando os setores mais dinâmicos. Notou-se que houve transformações consideráveis na estrutura setorial da economia brasileira, no final dos anos 90. Essas transformações não foram maiores devido à fragilidade macroeconômica da estabilização e o movimento da economia internacional, sem contar os problemas energéticos que afetaram diretamente as regiões Nordeste e Sudeste. Assim, quando resolvidos os problemas macroeconômicos brasileiros de aguda dependência externa e os gastos em infra-estrutura e educação avançarem, a dinâmica setorial das regiões brasileiras demonstrarão que uma nova espacialização da economia está em curso no Brasil. Nessa espacialização, as regiões periféricas serão responsáveis por uma dinâmica particular centrada nas vocações regionais e em novos investimentos de grupos locais.

PALAVRAS-CHAVE: Regiões, Desenvolvimento Regional, Análise Regional, Desempenho Setorial, Brasil

* Uma versão mais completa sobre o tema foi apresentada e publicada nos anais, no X Encontro da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional (APDR), em Coimbra (Portugal) no ano de 2003.

** Doutorando em Desenvolvimento Regional na Université du Québec à Chicoutimi (UQAC) – Canadá. Professor Assistente do curso de Economia, UNIOESTE – Campus de Toledo. Bolsista do governo brasileiro (CAPES), pesquisador do Grupo de Pesquisa em Agronegócio e Desenvolvimento Regional – GEPEC da UNIOESTE Toledo. E-mail: jandirbr@yahoo.ca

*** Doutorando em Ciências Empresariais na Universidad del Museo Social Argentino (UMSA) – Argentina, Professor Assistente do curso de Economia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), e pesquisador do Grupo de Pesquisa em Agronegócio e Desenvolvimento Regional – GEPEC da UNIOESTE/Toledo. E-mail: piacenti@unioeste.br

**** Mestre em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor Assistente do Curso de Economia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)/ Campus de Toledo. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Agronegócio e Desenvolvimento Regional (GEPEC). E-mail: piffer@unioeste.br

***** Graduando do curso de Ciências Econômicas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/Toledo. Assistente de Pesquisas e membro do Grupo de Pesquisa em Agronegócio e Desenvolvimento Regional - GEPEC. E-mail: projeto612@unioeste.br

ANALYSIS SECTORIAL PERFORMANCE OF BRAZILIAN REGION (1990-2000)

ABSTRACT: The objective this search is analyzed of sector of Brazilian regions in period 1990 to 2000. For this is necessary know the structure of production of region, determine the economic potential, the environment sustainable and the capacity productive the infrastructure and sectors passive to receive new investment. Used the method of regional analyze for the measure of specialization and localization. This measure permits knowledge the standard of economic growing of Brazilian geographic region that compose the Brazil, verifying the sector more dynamic. Noted that happened transformation in structure of sector of Brazilian economic end of years 90. This transformation weren't higher because the fragility macroeconomic of stabilization and movement of international economy, together with problem energetic that affected the southeast and northeast region. Resolved the problems Brazilian macroeconomic of dependency extern and spend with infrastructure and education advanced to dynamic of sector of Brazilian region demonstrated a new specialization of economy is grow in Brazil. In this specialization the peripheral region will be responsible for a particular dynamic in regional vocation and new investments of group of local.

KEY WORDS: Region, Regional development, Regional Analyze, Sectorial Performance, Brazil.

1. Introdução

O objetivo geral do presente trabalho é fazer uma análise da dinâmica setorial das regiões brasileiras, no período de 1990-2000. Para isto, faz-se necessário conhecer a estrutura produtiva da região, determinar os seus potenciais econômicos, a sustentabilidade ambiental da sua capacidade produtiva, as condições de infra-estrutura e os setores passíveis de receberem novos investimentos.

Na análise da dinâmica setorial regional, a região está interligada a outras regiões geográficas por meio de um conjunto único em virtude de suas características. Estas características são as estruturas de produção, padrões de consumo, distribuição da força de trabalho, elementos culturais, sociais e políticos. Para PIFFER (1997), a articulação espacial da região se faz pelo processo social, como determinante, e pela rede de comunicação e de lugares. Estas articulações deverão possibilitar a que o espaço delimitado como região tenha uma identidade regional. Esta identidade é uma realidade constituída ao longo do tempo pela sociedade que aí se formou. Nesse sentido, CORAGGIO (1987) afirma, de forma sucinta, que uma região é um “lôcus”, ou seja, pode ter várias características territoriais, tanto físicas como sociais.

Essas dimensões impactam na organização do espaço e refletem-se na dinâmica setorial da estrutura de produção agropecuária, industrial e no extrativismo e prestação de serviços. É neste sentido que essa análise busca compreender, por meio dos métodos de análise regional, o comportamento dos setores produtivos e de como eles influenciam na dinâmica regional. De acordo com RIPPEL & LIMA (1999), os critérios considerados na análise da região tornam-se mais amplos em virtude da inserção da estrutura produtiva na economia nacional, com todas as suas relações e impactos no crescimento econômico.

Deve-se ressaltar que esta análise apresenta-se como uma interpretação alternativa da dinâmica econômica das regiões brasileiras, no último decênio do século XX, no que diz respeito à reorganização das suas atividades produtivas e sua influência na especialização das mesmas. Nesse sentido, as medidas de localização e especialização revelam o grau de importância de cada setor, bem como a diversificação que cada região oferece frente à economia brasileira.

2. Modelo de análise regional da dinâmica setorial

Para a análise da dinâmica setorial, utilizou-se o instrumental de análise regional. Considerou-se, como variável, o número de empregados distribuídos por setores de atividade econômica e por regiões, pressupondo-se que os setores mais dinâmicos empregam mais mão-de-obra no decorrer do tempo. Por outro lado, a ocupação da mão-de-obra reflete-se na geração e distribuição da renda regional, o que estimula o consumo e, conseqüentemente, a dinâmica da região.

Os dados sobre o número de empregados distribuídos por setores foram coletados no banco de dados da Relação Anual das Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho. Os setores foram agrupados da seguinte forma: indústria, construção civil, comércio, serviços e agropecuária. Deve-se ressaltar que a construção civil e o comércio foram desmembrados do setor de serviços, em virtude da importância que os mesmos assumem em algumas economias, principalmente, as periféricas. Estes setores são empregadores, em potencial, de mão-de-obra de baixa qualificação. Assim, seu dinamismo tem um impacto social maior nas regiões que possuem as mais baixas taxas de qualificação e escolarização da mão-de-obra, como a região Centro-Oeste, Norte e Nordeste.

O período-base de análise é o último decênio do século XX, e, para efeito de análise regional, tomou-se como referência os anos de 1990 e 2000.

Para a análise dos dados foram utilizadas medidas de especialização e de localização sistematizadas por HADADD (1989), PIACENTI & LIMA (2002) e COSTA (2002). Estas medidas permitem o conhecimento dos padrões do crescimento econômico da região e suas sub-regiões. Assim, elas proporcionarão um referencial de análise das regiões em relação ao Brasil.

Para o cálculo das medidas de especialização e localização organizaram-se as informações em uma matriz que relaciona a distribuição setorial-espacial

do número de empregados por setor. As colunas apresentam a distribuição do número de empregados entre as regiões e as linhas mostram o número de empregados por setor de cada uma das regiões, conforme FIGURA 1.

Definiram-se as seguintes variáveis:

E_{ij} = Número de empregados no setor i da região j ;

$\sum_j E_{ij}$ = Número de empregados no setor i de todas as regiões;

$\sum_i E_{ij}$ = Número de empregados em todos os setores da região j ;

$\sum_i \sum_j E_{ij}$ = Número de empregados em todos os setores e todas as regiões.

	← Setores i →		
↑		↑	
Regiões j	←	E_{ij}	→
↓		↓	$\sum_i E_{ij}$
		$\sum_j E_{ij}$	$\sum_i \sum_j E_{ij}$

Fonte: HADDAD, 1989

FIGURA 1 - Matriz de distribuição setorial-espacial

A matriz de informações relaciona a distribuição da variável-chave entre a regiões e intra-regiões nos setores de atividade econômica. No decorrer da análise, esses dados são tratados de forma comparativa possibilitando a análise do seu comportamento no decorrer do tempo.

A partir da matriz de informações descrevem-se as medidas de localização e de especialização que serão utilizadas no presente artigo:

a) Quociente Locacional - QL

É utilizado para comparar a participação percentual do número de empregados de uma região com a participação percentual do Brasil. O quociente locacional pode ser analisado a partir de setores específicos ou no seu conjunto. É expresso pela equação (1).

$$QL_{ij} = \frac{E_{ij} / \sum_j E_{ij}}{\sum_i E_{ij} / \sum_i \sum_j E_{ij}}$$

A importância do município no contexto regional, em relação ao setor estudado, é demonstrada quando QL_{ij} assume valores acima de 1. Como o quociente é medido a partir de informações do número de empregados (E), pode-se verificar os setores que possuem possibilidades para atividades de exportação.

b) Coeficiente de Localização – CL

O objetivo do coeficiente de localização é relacionar a distribuição percentual do número de empregados num dado setor entre as regiões com a distribuição percentual do número de empregados do Brasil. O coeficiente de localização (CL) é medido pela equação (2).

$$CL_i = \frac{\sum_j \left(\frac{E_{ij}}{\sum_j E_{ij}} \right) - \left(\frac{\sum_i E_{ij}}{\sum_i \sum_j E_{ij}} \right)}{2}$$

Se o coeficiente de localização for igual a zero (0), significa que o setor i estará distribuído regionalmente da mesma forma que o conjunto de todos os setores. Se o valor for igual a um (1), demonstrará que o setor i apresenta um padrão de concentração regional mais intenso do que o conjunto de todos os setores.

c) Coeficiente de Especialização - CEsp

O coeficiente de especialização é uma medida regional. As medidas regionais concentram-se na estrutura produtiva de cada município fornecendo informações sobre o nível de especialização da economia num período.

$$CEsp_j = \frac{\sum_i \left(\frac{E_{ij}}{\sum_i E_{ij}} \right) - \left(\frac{\sum_j E_{ij}}{\sum_i \sum_j E_{ij}} \right)}{2}$$

Por meio do coeficiente de especialização compara-se a economia de uma região com a economia do Brasil. Para resultados iguais a 0 (zero), a região tem composição idêntica à do Brasil. Em contrapartida, coeficientes iguais, ou próximos a 1, demonstram que há um elevado grau de especialização ligado a um determinado setor, ou que a estrutura de empregados está totalmente diversa da estrutura nacional.

d) Coeficiente de Associação Geográfica - Cag

Este coeficiente mostra a associação geográfica entre dois setores (i e k), comparando as distribuições percentuais de empregados entre as regiões.

$$Cag_{ik} = \frac{\sum_j \left(\left(\overset{\text{setor } i}{E_{ij} / \sum_i E_{ij}} \right) - \left(\overset{\text{setor } k}{E_{ij} / \sum_i E_{ij}} \right) \right)}{2}$$

Seus valores variam de zero (0), significando que o setor i estará distribuído regionalmente da mesma forma que o setor k , e mostra que os padrões locais dos dois setores estão associados, geograficamente, até um (1) que representa nenhuma associação.

2.1 O modelo diferencial e estrutural: equações

O dado básico para a construção do modelo é a chamada “Matriz de Informações”. Tratando-se de um modelo de estática-comparada, necessita-se de, no mínimo, duas dessas matrizes, referindo-se uma ao período-base e outra ao ano considerado.

A Matriz de Informações (FIGURA 2) é formada em suas linhas pelos diversos setores e, nas colunas, pelas regiões.

Setores \ Regiões	1	$2 \dots$	$j \dots$	n
1	E_{11}	E_{12}	E_{1j}	E_{1n}
2	E_{21}	E_{22}	E_{2j}	E_{2n}
...
i	E_{i1}	E_{i2}	E_{ij}	E_{in}
...
k	E_{k1}	$E_{k2 \dots}$	$E_{kj \dots}$	E_{kn}

FONTE: HADDAD, 1989

FIGURA 2 - Matriz de informações

Esquemáticamente,

$$A = E_{ij} \begin{cases} i = 1, 2 \dots k \\ j = 1, 2 \dots n \end{cases}$$

Tem-se:

A_0 = ano-base e,

A_1 = ano fim do período.

E''_{ij} = Número de empregados no fim do período no setor i , região j ;

E'_{ij} = Número de empregados no ano-base no setor i , na região j ;

α_{ij} = Taxa de crescimento do número de empregados do setor i , região j ;

α_{it} = Taxa de crescimento do número de empregados do setor i no País;

α_{tt} = Taxa de crescimento regional do número de empregados.

Seja:

$$E''_{ij} = E'_{ij} + \Delta E''_{ij}$$

Tem-se que:

$$\Delta E''_{ij} = E''_{ij} - E'_{ij} \text{ onde, } E''_{ij} = E'_{ij} \left(\frac{E''_{ij}}{E'_{ij}} \right) = E'_{ij} \cdot \alpha_{ij}$$

Resulta:

$$\Delta E''_{ij} = E'_{ij} (\alpha_{ij} - 1)$$

Considera-se agora:

$$\alpha_{tt} = \frac{E''_{tt}}{E'_{tt}} \text{ Taxa regional de crescimento do número de empregados}$$

$$\alpha_{it} = \frac{E''_{it}}{E'_{it}} \text{ Número de empregados no ano-base no setor } i, \text{ na região } j;$$

Pode-se somar e subtrair esses dois valores da expressão (7) que ela não se altera:

$$\Delta E''_{ij} = E'_{ij} (\alpha_{ij} - 1 + \alpha_{tt} - \alpha_{tt} + \alpha_{it} - \alpha_{it})$$

Ou trocando os termos de posição:

$$\Delta E'_{ij} = E'_{ij} (\alpha_{tt} - 1 + \alpha_{it} - \alpha_{tt} + \alpha_{ij} - \alpha_{it})$$

Decompondo, em seguida, o segundo membro em parcelas:

$$\Delta E''_{ij} = E'_{ij} (\alpha_{tt} - 1) + E'_{ij} (\alpha_{it} - \alpha_{tt}) + E'_{ij} (\alpha_{ij} - \alpha_{it})$$

Substituindo o valor de $\Delta E''_{ij}$ dado por (6) na equação (5), resulta:

$$E'' = E'_{ij} + E'_{ij}(\alpha_{it} - 1) + E'_{ij}(\alpha_{it} - \alpha_{it}) + E'_{ij}(\alpha_{ij} - \alpha_{it})$$

$$E'_{ij} - E'_{ij} - E'_{ij}(\alpha_{it} - 1) = E'_{ij}(\alpha_{it} - \alpha_{it}) + E'_{ij}(\alpha_{ij} - \alpha_{it})$$

$$(E'_{ij} - E'_{ij}) - E'_{ij}(\alpha_{it} - 1) = E'_{ij}(\alpha_{it} - \alpha_{it}) + E'_{ij}(\alpha_{ij} - \alpha_{it})$$

A equação (8) fornece os valores correspondentes a cada efeito definido pelo modelo. Explicam-se cada um desses efeitos e sua fórmula:

$$a) VLT_{ij} = (E''_{ij} - E'_{ij}) - E'_{ij}(\alpha_{it} - 1)$$

Ou seja, é a diferença entre a variação efetiva no número de empregados de i em j e a variação teórica do número de empregados, isto é, aquele que a indústria i teria na região, caso crescesse à taxa do País α_{it} .

$$b) VLP_{ij} = E'_{ij}(\alpha_{it} - \alpha_{it})$$

A variação proporcional corresponde parte da VLT causada por uma realocação de atividades (para região i ou da região j). Pela própria fórmula, observa-se que a diferença entre as taxas setorial e regional indica que a região possui vantagens comparativas para o desenvolvimento do setor;

$$c) VLD_{ij} = E'_{ij}(\alpha_{ij} - \alpha_{it})$$

A VLD corresponde, ao contrário, àquela parte do efeito total determinada por uma maior ou menor participação no crescimento setorial em nível nacional. Um sinal positivo para a VLD explica-se pela especialização regional nos setores dinâmicos.

Simbolicamente, tem-se para a indústria i , na região j :

$$VLT_{ij} = VLD_{ij} + VLP_{ij}$$

Interessa conhecer esses efeitos em nível regional. Para tanto, basta somar os valores encontrados para os k setores:

$$\sum_{i=1}^k VLT_{ij} = \sum_{i=1}^k VLD_{ij} + \sum_{i=1}^k VLP_{ij}$$

Tem-se então:

$$VLT_j = VLD_j + VLP_j \quad (9)$$

A equação (9) é idêntica à equação (8), apenas os símbolos foram modificados.

Na aplicação ao caso regional, utilizaram-se ambas as equações; a (8) para fins de cálculo dos valores, e a (9) para a interpretação dos dados.

2.1.1 Uso do Modelo Diferencial e Estrutural como Projeção da Variável-Base

O método estrutural-diferencial tem sido usado para fins descritivos e como instrumento de análise. Os criadores dessa técnica desenvolveram-na no sentido de auxiliar a manipulação de grandes massas de dados, para que o analista pudesse identificar mais efetivamente as tendências e o comportamento de crescimento de uma região. A técnica foi inicialmente um instrumento de descrição estatística. Aplicações recentes estenderam-lhe o uso, inclusive, para a projeção de variáveis.

Os componentes do método foram calculados a partir de dados históricos. Procurou-se, assim, identificar futuros pontos de estrangulamento e possíveis vantagens existentes na economia de uma região.

Alguns autores criticam a utilização do modelo para fins de projeção regional. Baseiam suas críticas em dois fatores: (i) estudos empíricos têm demonstrado que as projeções através do modelo apresentam grandes erros; (ii) a chamada componente competitiva do modelo (*VLD*) não reflete, na realidade, as forças que os autores julgam como motivadores dessas projeções.

O modelo de projeção parte das equações:

$$E''_{ij} \equiv E'_{ij} + \Delta E''_{ij} \quad (10)$$

$$\Delta E''_{ij} = E'_{ij}(\alpha_{it} - 1) + E'_{ij}(\alpha_{it} - \alpha_{it}) + E'_{ij}(\alpha_{ij} - \alpha_{it}) \quad (11)$$

Isto é, o número de empregados da região na indústria *i* no fim do período, é, identicamente, igual ao número de empregados no período-base somado à variação do número de empregados durante o período. Este último termo ($\Delta E''_{ij}$) é igual à soma dos componentes do deslocamento (*shift*) do número de empregados, isto é, à parcela regional, à composição industrial e à participação competitiva, ou municipal.

Usando o mesmo raciocínio, o número de empregados nacional na indústria *i* para o próximo período, pode ser escrito como:

$$E'''_{ij} = E''_{ij} + \Delta E'''_{ij} \quad (10')$$

$$E'''_{ij} = E''_{ij} + (\alpha_{it} - 1) + E''_{ij}(\alpha_{it} - \alpha_{it}) + E''_{ij}(\alpha_{ij} - \alpha_{it}) \quad (11')$$

Os valores de α_{it} e α_{it} são necessários para se calcular E''_{ij} . Se for considerado aqueles dois parâmetros como exógenos ou se usar algum outro método para projetá-los, E'''_{ij} pode ser estimado pelo método estrutural-diferencial. Os valores exógenos de α_{it} e α_{it} permitem calcular a parcela nacional e a composição industrial para a indústria na região. Para completar os cálculos é necessário estimar o último termo:

$$E''_{ij}(\alpha_{ij} - \alpha_{it})$$

Ou seja, o componente competitivo (*VLD*). Existem diferentes métodos para estimá-la. O mais preciso recomenda usar a *VLD* histórica como estimativa da *VLD* futura. A hipótese implícita é que a *VLD* atual se iguala a *VLD* do período prévio. O modelo de projeção toma, então, a forma:

$$E_{ij}''' = E_{ij}'' + E_{ij}''(\alpha_{it} - 1) + E_{ij}''(\alpha_{it} - \alpha_{it}') + \alpha E_{ij}'(\alpha_{ij} - \alpha_{it})$$

Sendo, α um escalar utilizado para ajustar a estimativa da *VLD*. Por exemplo: se um período histórico é de cinco anos e o período de projeção é de dez anos, um valor de α aproximadamente igual a 2 seria necessário para o ajuste da estimativa.

Examinado a equação (10), ver-se-á que o segundo e o terceiro termos se reduzem ao valor:

$$E_{ij}'' \cdot \alpha_{it}$$

O modelo consiste, simplesmente, em uma extrapolação da taxa regional do número de empregados da indústria projetada com alguns ajustamentos realizados através da componente competitiva histórica. No caso da projeção número de empregados regional, o desmembramento do lado direito da equação em duas parcelas, uma regional e outra de composição industrial, nada adiciona ao modelo.

3. A Dinâmica locacional dos setores nas regiões brasileiras

A seguir, são apresentados os resultados obtidos com a aplicação da metodologia de análise regional, por meio das medidas de especialização e localização. Na TABELA 1, observa-se a distribuição percentual do número de empregados entre as regiões brasileiras.

Observa-se que o maior percentual de empregados está concentrado na região Sudeste. Isto pode ser explicado pela alta densidade demográfica e pelo nível de industrialização dessa região. Nota-se, no entanto, que o percentual de empregados apresentou decréscimos em todas as atividades, principalmente, nos setores industrial e agropecuário. Já a região Centro-Oeste apresentou aumento em todos os setores, com destaque para a agropecuária e indústria.

Nota-se que, a região Sul, ao contrário das outras regiões, apresentou aumento nos setores da indústria e construção civil e decréscimos nos demais. As regiões Norte e Nordeste não apresentaram mudanças muito significativas. Deve-se salientar que as regiões Sul e Centro-Oeste, na década de 1990, aceleraram o processo de agroindustrialização dos seus insumos agropecuários. O setor de carnes e embutidos, dessas regiões, aumentou sua capacidade instalada e ampliou o seu potencial de exportações com a conquista de mercados na Ásia e Oriente Médio.

TABELA 1 - Distribuição percentual do número de empregados entre as regiões do Brasil - 1990/2000

Atividade	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste	
	1990	2000	1990	2000	1990	2000	1990	2000	1990	2000
Indústria	2,79	3,24	11,59	12,56	63,70	55,38	19,66	24,60	2,27	4,21
Construção Civil	3,34	4,63	18,95	19,06	57,28	53,15	13,62	15,59	6,80	7,57
Comércio	3,16	3,92	13,93	14,79	57,62	55,46	19,43	18,45	5,86	7,40
Serviços	4,25	4,70	19,18	18,61	52,95	52,39	15,69	15,04	7,92	9,26
Agropecuária	2,87	2,20	14,86	15,85	55,74	52,89	18,83	17,29	7,70	11,76
Total das Atividades	3,63	4,17	16,27	16,68	56,81	53,54	17,27	17,63	6,02	7,97

FONTE: Resultado da Pesquisa

Na TABELA 2, verificam-se os setores que apresentaram maiores possibilidades para atividades de exportação, através dos indicadores do Quociente Locacional.

TABELA 2 - Quociente locacional no período de 1985/1990/1995/2000

Atividade	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste	
	1990	2000	1990	2000	1990	2000	1990	2000	1990	2000
Indústria	0,77	0,78	0,71	0,75	1,12	1,03	1,14	1,40	0,38	0,53
Construção Civil	0,92	1,11	1,16	1,14	1,01	0,99	0,79	0,88	1,13	0,95
Comércio	0,87	0,94	0,86	0,89	1,01	1,04	1,13	1,05	0,97	0,93
Serviços	1,17	1,13	1,18	1,12	0,93	0,98	0,91	0,85	1,32	1,16
Agropecuária	0,79	0,53	0,91	0,95	0,98	0,99	1,09	0,98	1,28	1,48

FONTE: Resultado da Pesquisa

Pela TABELA 2, pode-se observar que, nas regiões Norte e Nordeste, foram os setores de construção civil e de serviços que ganharam destaque. Na região Sudeste e Sul os setores mais relevantes foram os da indústria e comércio que apresentaram valores maiores que 1. É interessante destacar que

o setor industrial do Sul, no ano de 2000, apresentou o maior valor do setor se comparado com as demais regiões. Uma das explicações para o destaque do setor industrial da região Sul, além da expansão agroindustrial, a partir da década de 90, foi a expansão da indústria automobilística. Somente o Estado do Paraná acolheu, entre 1994 e 1999, seis montadoras de automóveis e atraiu com elas uma gama de empresas do setor de auto-peças e serviços. Deve-se salientar que a região também conta com um parque industrial diversificado, em que alguns dos setores são: petroquímico, frigorificação, abatedouros, construção, alimentos, metalurgia, dentre outros (INFRA-ESTRUTURA BRASIL, 2002).

O setor agropecuário se destacou principalmente na região Centro-Oeste apresentando valores bem representativos. Mas, nesta região (Centro-Oeste), o setor de serviços também ganhou destaque. É importante lembrar que a região Centro-Oeste tem uma fronteira agrícola móvel. Além disso, a integração com a região Norte, via rodoferroviária, melhorou a rentabilidade na produção de grãos. Como a região Sul, principalmente o Paraná, vem apresentado uma demanda crescente na cultura de milho, a região Centro-Oeste tornou-se, ao longo dos anos 1990, um fornecedor-exportador intra-regional de grãos e insumos para a estrutura de produção de carnes do Oeste paranaense.

Na TABELA 3, observa-se o coeficiente de localização dos setores em destaque.

TABELA 3 - Coeficiente de localização no período de 1990/2000

Atividades	1990	2000
Indústria	0,0928	0,0881
Construção Civil	0,0394	0,0284
Comércio	0,0298	0,0272
Serviços	0,0543	0,0375
Agropecuária	0,0324	0,0379

FONTE: Resultado da Pesquisa

Pela TABELA 3, nota-se que o setor comercial foi o que mais teve distribuição dos empregados nas regiões. Em 2000, também foi representativo o setor da construção civil que ficou com um coeficiente bem próximo ao do comercial. Já o setor industrial, ao contrário, foi o que mais se diferenciou nas regiões quanto à distribuição percentual de empregados, apresentando os valores mais altos nos anos analisados.

Já na TABELA 4, é apresentado o coeficiente de especialização, ou seja, o comportamento da especialização das atividades produtivas das regiões em relação ao país.

TABELA 4 - Coeficiente de especialização no período de 1990/2000

Região	1990	2000
Norte	0,0893	0,0742
Nordeste	0,1009	0,0702
Sudeste	0,0358	0,0127
Sul	0,0571	0,0871
Centro-Oeste	0,1759	0,1088
<i>Brasil</i>	<i>0,5556</i>	<i>0,3530</i>

FONTE: Resultado da Pesquisa

Pela TABELA 4, pode-se notar o nível de especialização das regiões em análise. Observa-se que a região Sul veio evoluindo no seu coeficiente ao longo dos anos para ficar, em 2000, como uma das regiões com maior nível de especialização. Nas regiões Norte e Sudeste, nota-se o contrário, elas apresentaram decréscimos em seus respectivos coeficientes. A região Nordeste apresentou uma evolução significativa, nos anos analisados, tornando-se uma das regiões mais especializadas no período estudado. A região Centro-Oeste apresentou uma leve queda no período, mas foi a região com maior nível de especialização dentre as regiões, em relação ao País.

Pela TABELA 5 nota-se o Coeficiente de Associação Geográfica entre os setores em análise.

TABELA 5 - Coeficiente de associação geográfica no período de 1990/2000

Setores	Indústria		Construção Civil		Comércio		Serviços		Agropecuária	
	1990	2000	1990	2000	1990	2000	1990	2000	1990	2000
Indústria	0,0000	0,0000	0,1246	0,1125	0,0616	0,0616	0,1255	0,1255	0,1084	0,1084
Construção Civil	0,1246	0,1125	0,0000	0,0000	0,0615	0,0516	0,0433	0,0175	0,0611	0,0590
Comércio	0,0616	0,0616	0,0615	0,0516	0,0000	0,0000	0,0841	0,0647	0,0277	0,0543
Serviços	0,1255	0,1255	0,0433	0,0175	0,0841	0,0647	0,0000	0,0000	0,0593	0,0526
Agropecuária	0,1084	0,1084	0,0611	0,0590	0,0277	0,0543	0,0593	0,0526	0,0000	0,0000

FONTE: Resultado da Pesquisa

Observa-se pela TABELA 5, que, no período de 1990, os setores que mais se associaram foram os do comércio com o da agropecuária e, em seguida, o da construção civil com o de serviços. Em contrapartida, no ano de 2000, os setores que mais se associaram foram os da construção civil com o de serviços e o da construção civil com o do comércio.

4. A Dinâmica estrutural dos setores nas regiões brasileiras

A análise *shift and share* auxilia na compreensão da dinâmica setorial ao indicar os setores responsáveis por essa dinâmica. Na TABELA 7 são apresentados os índices de Variação Líquida Total (VLT) que mostram a diferença entre o crescimento real da mão-de-obra ocupada por ramos de atividade, ou seja, a absorção da mão-de-obra ocupada por ramos de atividade nas regiões brasileiras, e aquele que elas teriam, se crescessem na mesma proporção do país, como um todo.

TABELA 6 - Variação líquida total (VLT) no período de 1990/2000

Setores	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Indústria	-30.315	-174.514	-1.682.383	-122.142	58.567
Construção Civil	11.446	-13.673	-90.120	10.886	3.087
Comércio	51.526	121.172	258.860	76.534	101.193
Serviços	99.165	72.015	343.943	31.061	257.407
Agropecuária	10.538	102.237	312.959	99.592	90.959
<i>Total das Atividades</i>	<i>142.359</i>	<i>107.237</i>	<i>-856.740</i>	<i>95.932</i>	<i>511.212</i>

FONTE: Resultado da Pesquisa

Pela TABELA 6, pode-se notar quais foram os setores que cresceram com taxas superiores a do País, como um todo. Observa-se que, nas regiões Sudeste, Norte e Centro-Oeste, o setor comercial foi o que apresentou maiores valores, denotando que este setor teve um crescimento superior em relação às demais regiões na absorção da mão-de-obra. Na região Sul, os setores da agropecuária e comércio foram os mais representativos. Na região Centro-Oeste, todos os setores apresentaram valores positivos, principalmente, o de serviços. Nestas regiões, a variação líquida positiva denota um perfil de especialização favorável.

Deve-se ressaltar que a economia da região Centro-Oeste vem crescendo a ritmos semelhantes ao do País. O setor mais importante da economia dessa região é a agroindústria. Além disso, ela é a maior produtora de soja, sorgo, algodão em pluma e girassol que são, em grande parte, absorvidos por seu complexo produtivo. A produção de arroz, milho e o rebanho de bovinos também são muito significativos na região. As principais indústrias são do setor de alimentos e de produtos como adubos, fertilizantes e rações, além

de frigoríficos e abatedouros (PORTAL BRASIL, 2002). Essas informações podem ser complementadas com alguns dados sobre a estrutura ocupacional e o dinamismo setorial das regiões brasileiras, que pode ser observado na Variação Líquida Proporcional (VLP), TABELA 7.

TABELA 7 - Variação líquida proporcional (VLP) no período de 1990/2000

Setores	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Indústria	-54.377	-226.040	-1.242.632	-383.510	-44.228
Construção Civil	-2.620	-14.854	-44.896	-10.671	-5.333
Comércio	19.237	84.892	351.098	118.382	35.677
Serviços	34.148	154.132	425.510	126.118	63.681
Agropecuária	17.673	91.577	343.529	116.039	47.467
<i>Total das Atividades</i>	<i>14.061</i>	<i>89.707</i>	<i>-167.391</i>	<i>-33.642</i>	<i>97.265</i>

FONTE: Resultado da Pesquisa

Nota-se na TABELA 7 que, no período estudado, os setores da indústria e da construção civil apresentaram valores negativos em todas as regiões. O setor comercial da região Sudeste foi o mais representativo novamente, confirmando os dados da TABELA 6. A região Sul também apresentou um destaque no setor comercial. O setor de serviços apresentou maior representatividade nas regiões Sudeste e Nordeste. Esses fatos também são destacados pelo cálculo da Variação Líquida Diferencial (VLD), na TABELA 8.

TABELA 8 - Variação líquida diferencial (VLD) no período de 1990/2000

Setores	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Indústria	24.061	51.526	-439.751	261.369	102.795
Construção Civil	14.066	1.181	-45.224	21.557	8.420
Comércio	32.289	36.280	-92.237	-41.848	65.516
Serviços	65.016	-82.117	-81.567	-95.058	193.725
Agropecuária	-7.134	10.660	-30.570	-16.447	43.492
<i>Total das Atividades</i>	<i>128.298</i>	<i>17.530</i>	<i>-689.349</i>	<i>129.573</i>	<i>413.948</i>

FONTE: Resultado da Pesquisa

De acordo com a TABELA 9, verifica-se que os setores que obtiveram um crescimento superior ao do País, ocorreram devido a fatores essencialmente locais, como por exemplo, uma maior concentração de empregados em um determinado setor da região. Nota-se que a região Sul apresentou os maiores valores no setor industrial, apresentando aumentos em todos os períodos

analisados. A região Centro-Oeste foi a que apresentou o maior número de valores positivos, mostrando que esta região possui fatores locais que auxiliam no desenvolvimento de alguns setores. Com isso, pode-se afirmar que os setores que apresentaram valores positivos vêm obtendo taxas de crescimento superiores às taxas nacionais.

5. Conclusão

O objetivo geral do presente artigo foi analisar a dinâmica setorial das regiões brasileiras em relação ao Brasil, no período de 1990-2000. Analisou-se, por meio de um instrumental de análise regional, os desempenhos das cinco regiões geográficas que compõem o país no tocante aos seus setores, detectando os mais dinâmicos.

Pela análise, pode-se perceber que a economia brasileira vem se reestruturando ao longo do período analisado. Nesse período, a economia nacional passou por profundas transformações, dentre as quais pode-se citar a estabilização dos preços, a abertura comercial, as mudanças na política cambial e a entrada de investimentos externos diretos.

Além disso, o setor agroindustrial teve um grande impulso, principalmente, nas regiões Sul e Centro-Oeste em virtude do estímulo às exportações e à depreciação da moeda brasileira em relação ao dólar. As marcas desse impulso foram a expansão da produção agropecuária no Cerrado, o aumento da capacidade instalada das indústrias de carnes e embutidos no Paraná e Rio Grande do Sul e o aumento do consumo de insumos na cadeia produtiva da carne. Além disso, o aumento das exportações para o Oriente Médio e para a Ásia contribuíram para o aumento na produção e ocupação de mão-de-obra nessas regiões.

Deve-se salientar que, a região Sul expandiu, consideravelmente, seu potencial metal-mecânico com a criação do complexo automobilístico em São José dos Pinhais e Campo Largo (PR) e em Gravataí (RS).

No entanto, a região Sul não foi a única beneficiada com a reestruturação espacial da economia brasileira. As outras regiões também alteraram seu perfil locacional. A região Sudeste teve um avanço considerável na produção de tecnologia de ponta, principalmente, aeroespacial, além de continuar extremamente dinâmica em relação às outras regiões. Assim, a desconcentração da região metropolitana de São Paulo não significou uma deslocalização da indústria paulista, mas a transferência das atividades de transformação em sub-regiões localizadas no próprio Estado ou na sua periferia. De certa forma, os novos investimentos no Paraná, principalmente, no norte do Estado, no sudeste de Minas Gerais e no litoral fluminense refletem essa tendência.

Já as regiões Norte e Nordeste ampliaram a produção de bens manufaturados que utilizam mão-de-obra de baixa qualificação, dentre elas

a produção têxtil, de calçados, a extração de minerais e a expansão das atividades turísticas. Saliente-se os investimentos no complexo automobilístico e petroquímico na Bahia. No entanto, essas regiões ainda têm muitos desafios pela frente, dentre eles, a recuperação e ampliação da infra-estrutura disponível, a ampliação da qualificação da mão-de-obra, melhorias mais profundas nos indicadores sociais, ampliação da área cultivável etc. Em todo caso, diante das informações apresentadas na análise diferencial-estrutural, essas regiões vêm demonstrando uma tendência ao crescimento econômico, nos últimos anos, apesar das dificuldades que vem enfrentando em termos de investimentos e de melhoria na qualidade de vida.

Portanto, nota-se que houve transformações consideráveis na estrutura setorial da economia brasileira, no final do século XX. Essas transformações não foram maiores devido à fragilidade macroeconômica da estabilização e o movimento da economia internacional. Sem contar os problemas energéticos que afetaram diretamente o Nordeste e o Sudeste. Assim, quando resolvidos os problemas macroeconômicos brasileiros de aguda dependência externa e os gastos em infra-estrutura e educação avançarem, a dinâmica setorial das regiões brasileiras demonstrará que uma nova espacialização da economia está em curso no Brasil. Nessa espacialização, as regiões periféricas serão responsáveis por uma dinâmica particular centrada nas vocações regionais e em novos investimentos de grupos locais.

REFERÊNCIAS

CORAGGIO, J. **Territorios en transición**: crítica de la planificación regional en América Latina. Quito: Ciudad, 1987.

COSTA, J. S. (Coord.). **Compêndio de economia regional**. APDR. Coimbra: Gráfica de Coimbra Lda., Lisboa, APDR, 2002.

HADDAD, J. H. (Org.). **Economia regional**: teoria e métodos de análise. Fortaleza. BNB/ETIENE, 1989.

INFRA-ESTRUTURA BRASIL. **Projetos e oportunidades**. Disponível em: <<http://www.infraestruturabrasil.gov.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2002.

PIACENTI, C. A.; LIMA, J. F. (Coord.). **Análise do impacto dos reservatórios das hidrelétricas no desenvolvimento econômico microrregional**. Toledo: UNIOESTE/ Campus de Toledo, mar. 2001. 245 p. (Relatório de Pesquisa. UNIOESTE – Campus de Toledo/Fundação Araucária - Projeto 612.) projeto concluído. 2002.

PIFFER, M. **A dinâmica do oeste Paranaense**: sua inserção na economia nacional. Curitiba, 1997. 200 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico)- Universidade Estadual do Paraná. Curitiba, 1987.

PORTAL BRASIL. **O Brasil do século XXI**. Disponível em: <<http://www.portalbrasil.eti.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2002.

RIPPEL, R.; LIMA, J. F. Encadeamentos produtivos e desenvolvimento regional no município de Toledo (PR): o caso da Sadia-Frigobrás e das indústrias comunitárias. In: CASIMIRO FILHO, F.; SHIKIDA, P. F. A. (Org.). **Agronegócio e desenvolvimento regional**. Cascavel: EDUNIOESTE, 1999, p. 31-56.

Recebido em 20/02/2004.

Aprovado em 13/04/2004.